



LIBERDADE NA PELE: GATEIROS E O COMÉRCIO DE “PELES DE FANTASIA” NO BAIXO XINGU (DÉCADAS DE 1960-1970).

FELIPE MATOS*

CARLOS EDUARDO CALDARELLI**

O presente trabalho é parte de um amplo estudo etnohistórico realizado na região do baixo Xingu, executado pela Scientia Consultoria Científica, no âmbito do “Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural - AHE Belo Monte”, sob a coordenação de Carlos Eduardo Caldarelli, que compõe o Plano de Valorização do Patrimônio criado em concordância com demanda solicitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os depoimentos orais que serviram de fonte para a elaboração do texto farão parte do acervo da Casa Regional de Memória, da cidade de Altamira (PA), a ser gerida pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

A vida dos seringueiros no interior das florestas do baixo Xingu até meados do século XX envolveu uma infinidade de tarefas simultâneas necessárias para possibilitar a sua sobrevivência no território. Ao corte da seringa e aos processos de trabalho dela decorrente (como a colheita e a defumação), somou-se a coleta da castanha no inverno e demais produtos decorrentes do extrativismo, como o açaí, a copaíba e o babaçu; a pesca; o cultivo agrícola de pequenas dimensões; e, a caça. Da limpeza da estrada de seringa, em meados de junho, à extração da borracha até a chegada das chuvas, por volta de dezembro, o calendário de trabalho dos seringueiros era definido por sua apreensão da natureza. Quando percebiam que a seringa e o roçado, devido à sazonalidade da produção, não mais iriam garantir a sua sobrevivência, os trabalhadores partiam para outras atividades, outras formas de trabalho e subsistência.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador da Scientia Consultoria Científica Ltda.

** Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais (CPDOC/FGV), Especialista (MBA) em Gestão e Tecnologia Ambientais (POLI/USP), Especialista em Direito Ambiental (FADUSP/FSP USP), Bacharel em Ciências Sociais e Direito (USP). Diretor da Scientia Consultoria Científica Ltda.

Embora extenuantes e muitas vezes sujeitas às mais variadas formas de violência, essas relações de trabalho e de sobrevivência na floresta proporcionaram aos ribeirinhos um grande conhecimento sobre a geografia, a flora e a fauna da região. A sazonalidade, a subida e descida das águas, a precipitação pluviométrica, a floração das árvores, as épocas de cada colheita, o período de pesca de cada peixe são sinais da habilidade dos ribeirinhos em se adaptar utilizando estratégias de sobrevivência ao meio em que estavam inseridos.

Nessa relação íntima com a natureza, a caça para alimentação era comum e a oferta de animais selvagens abundante nas matas. Homens e mulheres estavam habituados a manejarem armas e a munição era comercializada nos barracões dos patrões de seringa e pelos regatões. Poucos seringueiros se aventuravam a andar pelas estradas de seringa sem um rifle nas costas, acreditando estarem assim mais seguros contra ataques de indígenas muitas vezes interessados em ataca-los justamente para lhes tomar as armas. Já a caça de animais silvestres era uma necessidade. Embora haja relatos de comercialização de carne nos barracões, especialmente embutidos ou carne “embarricada”, compra-la para consumo diário era extremamente oneroso aos seringueiros, já reféns de suas dívidas com os patrões ao se aviarem com artigos como sal, açúcar, café, querosene, tecidos e munições.

Durante a segunda metade da década de 1960, enquanto a tradicional economia da borracha se mantinha em declínio e os regatões se proliferaram sob as águas, uma parte significativa de seringueiros, mariscadores, roceiros e demais habitantes dos beiradões foram despertados para uma nova possibilidade de garantia de sobrevivência: a comercialização da pele de animais. A procura por peles de animais silvestres deu início a um comércio desenfreado que uniu a ação de atravessadores - sobretudo regatões, mas não apenas eles - à necessidade dos “gateiros” - homens que se embrenhavam nas matas em busca da pele e do couro de animais - em encontrar uma alternativa ao sistema de aviamento. Segundo dados do Banco da Amazônia, em 1963, a caça de animais silvestres em território amazônico em busca de peles e couros correspondia às seguintes porcentagens em relação ao total da produção nacional: ariranha (38%), capivara (41%), gato do mato (12%), porco do mato (56%), veado (53%), jacaré (62%) e lagarto (0,1%) (PENTEADO, 1973: 99).

Num primeiro momento, entre aqueles animais mais visados no baixo Xingu estavam os que rendiam a chamada “pele seca”:

Tinha a pele seca, que o pessoal trabalhava para comercializar a pele seca. Se o senhor quer perguntar o que é a pele seca, eu lhe digo: é a pele do catitu, do porco catitu, do porcão e do veado. Eram essas peles, porque tem a fantasia também, veio depois, o comercio em alta escala aqui na região da Amazônia toda veio, né. Depois de tudo isso. Pele do gato, ariranha e da onça. Mas no começo era a pele do catitu, trocava a pele seca por açúcar, fazendinha, sabão, querosene, sal, essas coisas. Pouco valor, naquele tempo tudo era de graça, só trocava, não se via dinheiro. Ai cada um era dono de si, cada um que produzia [a pele seca] vendia para quem queria, [o patrão] não se intervia nisso, não. Se alguém comprava mercadoria para pagar com pele, o patrão negociava a pele com o regatão, se chamava regatão aquele que levava as mercadorias no batelãozinho empurrado à vara e à remo. No tempo da fantasia já tinha os patrãozão, muito depois (OLIVEIRA, 2012).

O apelo comercial da “pele de fantasia”, especialmente do gato maracajá e das onças - pintada e preta – em pouco tempo passou a sobrepujar a procura por animais de “pele seca”. Os “gatos do mato” se tornaram os mais procurados porque geravam maior rentabilidade - suas peles eram mais caras – e eram abundantes na região. São comuns os relatos de encontros fortuitos entre os moradores da região com gatos do mato e onças. Devido ao seu porte e agressividade, estas últimas eram mais temidas, sobretudo por mulheres e crianças:

Onça tinha muito. Eu lembro de uma vez em que nós fomos pescar de noite lá no rio. Não é que tinha duas onça atrás de nós? E nós corremo tanto, meu amigo, com medo dessas onças, nós só com as mãos, pescando, tarrafeando, de tarrafa na praia para pegar curimatá. Nós corremos para dentro do barco, empurramos pro meio do rio. No outro dia nós fomos ver, as onças tinham ficado raspando o chão onde nós tinha fugido delas. Tinha muita onça naquela época. Muita onça. O rio era a trezentos metros da nossa casa para a beira do rio. A minha mãe foi para a beira do rio, chegou lá e levou a minha irmã. A minha mãe começou a banhar lá, lavando uma roupa, de cabeça baixa. Quando a minha mãe levanta a vista, a onça vai pulando na minha irmã. A minha mãe correu feito doida, pulou na frente da onça e agarrou a minha irmã para a onça não comer. Ela não atacou, a onça saiu correndo e a minha mãe saiu correndo também. A minha mãe saiu tão doida que saiu correndo só de calcinha, com a minha irmã debaixo do braço... Muita onça, você ia lá onde nós morava [Morro do Gado, em Altamira], quando era de tarde

Você ia e a onça tinha andado no seu rastro. Muita onça, muita onça naquela época, onça pintada, onça preta. [A onça] não atacava a casa não, só rodava a casa, nas praias que a gente ia. A gente ia arrancar ovo de tracajá e as onças gostavam dessa época do verão, de agosto. Agosto era o mês do ovo da tracajá, daí a onça gostava, porque elas iam de noite comer tracajá, roçava para comer os ovos tudinho... (SOBRINHO, 2012).

Segundo levantamento do Departamento Estadual de Estatísticas do Estado do Pará, a produção de peles de animais em Altamira, em 1968, foi de 36.843 quilos, gerando uma renda bruta de 506.400,00 cruzeiros. Essas peles eram de ariranha, jibóia, jacaré, jacuraru, lontra, jacuruxi, queixada, veado, peludo, gato maracajá, jaguatirica e de onças (Jornal “O Globo”, RJ, 18/5/1971, p.3).

Apesar desse variado leque de animais, a caça dos felinos – gatos e onças - para a obtenção de peles rapidamente mobilizou um número significativo de “gateiros” que se embrenhavam por meses nas matas, abandonando os seringais, castanhais e outras frentes de trabalho. As peles obtidas eram comercializadas com os intermediários já estabelecidos na região, inicialmente os regatões. No entanto, com os altos valores atingidos pelas peles de fantasia, comerciantes de seringa, castanha e mesmo de ouro, passaram também a negociar peles como atravessadores.

Nas décadas de 1960 e 1970, a atividade de gateiro possibilitou ganhos superiores inclusive à garimpagem. No imaginário local, esse período anterior à atuação de fiscalização e proibição da caça de animais pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Retornáveis) foi uma época áurea, em que os ribeirinhos conseguiram - muitos pela primeira vez - recursos financeiros para a aquisição de bens materiais e a troca do produto de seu trabalho por moeda corrente.

Rapaz, sabe quem veio tirar o seringueiro da faixa preta? Foi a onça e o gato. Se lembra daquele tempo de pele a fantasia? Todo seringueiro largou o patrão para fazer alçapão para pegar o gato, pegar onça. Se pegasse uma onça tava no saldo. Não era mais do patrão, era outro comprador para entrar naquela intermediação para comprar a pele. O patrão ficava de lado, se não o patrão roubava muito mais ainda... Dai [os seringueiros que se tornaram gateiros] foram se afastando dos primeiros patrões dele, se afastando e deixando eles de lado, tanto que os patrões

ficaram tudo pobre, já o intermediário ficou rico, muitos ficou rico. Sabe quanto chegou a dar a pele de uma onça? Seis mil cruzeiro. Seis mil cruzeiro a pele de um gato maracajá-açu. Como não iriam se alimpar? Todo mundo se alimpou (FELIPE, 2011).

Com o mercado de “peles de fantasia” em ascensão e a economia da borracha em declínio, houve casos de seringalistas que deixaram a borracha de lado para atuarem como gateiros e intermediadores da venda de peles e couros:

Vou te falar de um cara que enricou nem tanto como seringalista, mas com pele de fantasia: Zeca Nunes. Zeca Nunes ganhou toda a riqueza que ele jogou fora foi na pele de fantasia, porque ele contrabandeava de um, de outro, vendia por seis mil cruzeiro, cinco mil cruzeiro. A segunda classe de um couro dava dois mil e quinhentos. Aqueles que estavam furado de chumbo, com peladura. Aquilo ali era muito bem classificado para cada um poder passar a perna um no outro. Pele de gato, onça, ariranha, venderam tanta pele que quase veio a dar extinção. Quando veio esse IBAMA, tava muito além... Você andava por essas palhas, Bacajá, você não via um pé de onça na areia. Matavam tudinho... (FELIPE, 2011).

A época da “pele de fantasia” associada a presença dos regatões e demais atravessadores constituiu no período em que os trabalhadores afrouxaram as amarras impostas pelo sistema de aviamento, conquistando uma maior autonomia social.

Quando surgiu o negócio do gato foi quando libertou o rio para todo mundo. Antes do gato eu só tinha direito de vender o que era meu para o patrão. Se não fosse para o patrão não podia vender, se eu vendesse [para outro] ele me expulsava. O patrão expulsava, não queria mais não. Ele queria aquela pessoa certa, que trabalhasse com ele, tudo era passado por ele, tudo era ele quem mandava fazer, né? Então a gente tinha o direito de vender tudo era para ele mesmo, né? Porque tudo era ele quem mandava fazer, eram as estradas, os piques de castanha, tudo era por ele, então a gente também não podia vender para outro. E quando chegou a época do gato, não. Entrou a época do regatão, entrava todo mundo para comprar o couro do gato. Comprava o couro do gato e vendia o que levavam. Ai os patrão desgostaram e afrouxaram também. Dai esse regatão aí já comprava gato, já comprava castanha, já comprava borracha, já comprava tudo. Depois que liberou, ai entrava muita gente [atuando como regatão]. Os patrão ficaram tudo calado, não pode mais falar nada, porque o pessoal invadiram mesmo... Sabe que quando

invade assim, não tem jeito. Na hora que libertou o gato, para qualquer uma pessoa você podia vender. Na hora que chegou o gato eu não quis mais mexer com seringa, fui mexer com o gato que era o que dava resultado mesmo. Eu abandonei a seringa, não quis mais... (SILVA, D.C., 2012).

O preço pago na pele variava pelo tipo de animal abatido e pelo seu estado de conservação. Havia, no mínimo, três qualidades de pele e couro:

Bom era [atirar] na cabeça [do animal], porque o couro não podia ter nenhum buraco. Tinha que tirar o couro dele sem fazer um buraco, não podia arranhar para tirar aquele pele, tinha que ser sã. Se ele tivesse uma arranhadura, já não era de primeira, era segunda. Tinha primeira, tinha segunda e tinha a terceira [qualidade]. A terceira era quando tinha mais pelo arrancado. Na arapuca que a gente fazia, se passasse dois dias, você chegava e [o animal] tava pelado, dele estar rodando [dentro da arapuca] (SILVA, D.C., 2012).

Apesar do temor do enfrentamento dos animais selvagens, a compensação financeira foi decisiva para que muitos abandonassem suas frentes tradicionais de trabalho e se dedicassem ao comércio de pele.

Ah, sem comparação! Era sem comparação. Porque a seringa é o seguinte, a gente trabalhava o verão todinho, quando era no fim do ano, às vezes, quando o patrão pagava a gente, nós ainda ficava devendo. Tá entendendo como é? Você trabalha o inverno todinho na castanha, tirando castanha, vendendo para o patrão, quando terminava a safra das castanhas dava para pagar o que comia. Quer dizer que a gente trabalhava só por comer. A gente não tinha direito de pegar dinheiro, nem na rua [centro da cidade de Altamira] eu passava, era mais de cinco anos sem vir na rua. Ai quando chegou o gato, não, todo mundo pegou dinheiro, todo mundo teve as coisas, tudo eles levavam para vender e a gente comprava. A gente de vez em quando tava na cidade, porque tinha dinheiro para vir pra cidade. Ai a coisa melhorou. No tempo do gato ainda ficou gente cortando seringa. Tem gente de todo jeito, né? Digamos, eu me dou num serviço, já o senhor não se dá, né? Aqueles que não se davam para caçar o gato, ficavam cortando seringa, que era o apelo que tinha, o gato, a borracha e a castanha. Se o cara não fizesse a borracha não tinha como comprar nada. Se ele não fosse para o mato atrás do gato ele não tinha como comprar nada, ai tinha que se rebolar (SILVA, D.C., 2012).

Tinha um tempo em que a pele que dava mais dinheiro era a pele de maracajá, né, couro de maracajá, e couro de onça mesmo, aquela onça pintada, eles compravam. Não era muito fácil, era meio difícil, quando o caboco ouvia o estouro de uma onça ficava era com medo. Agora [o gato] maracajá não, maracajá era mais fácil. Maracajá tinha um tempo eles faziam tipo uma gaiola assim no mato, botava uma comida lá e ele arriava e ficava preso. Agora a onça era diferente, não pegava não, só se matasse com bala (BARRADAS, 2011).

A possibilidade de enriquecimento rápido ampliou o movimento migratório entre as regiões, mas, foi basicamente uma migração intrarregional, apesar de também aparecerem no Xingu, em pequena quantidade, gateiros de outros estados, principalmente do Maranhão,

Não veio muita gente de fora. Veio um pessoal do Maranhão, veio um bocado de gente do Maranhão para caçar gato, o resto era pessoal daqui mesmo. É que a caçada de gato teve para todo canto. Era para a banda de Marabá, foi para um bocado de canto. Não foi só para o [rio] Iriri não. Tudo quanto foi rio deu gente caçando. Todo canto. Aqui mesmo em Altamira, nesse Pacajá aí, teve muita gente aí nesse Pacajá. Caçada de gato chamou a atenção de muita gente (SILVA, D.C., 2012).

Embora houvesse grupos que se reuniam para entrar na mata, geralmente o trabalho de gateiro era realizado individualmente ou em duplas e trios, que ingressavam na floresta e lá permaneciam por dias, só retornando com algumas dezenas de pele.

Eu tinha um revólver e duas espingardas, uma caixa de cartucho e duas caixa de bala. Eu era melhor de revólver do que de espingarda. Ai um quilo de sal, um quilo de farinha, tinha vez que levava açúcar, tinha vez que não levava, botava numa mochila nas costas e ia ganhar o mato. Quando eu via um macaco eu matava, fazia um alçapão, botava ele, uma arapuca, sabe? Armadilha para pegar ele [o gato maracajá]. Fazia quatro [alçapões] num dia. Às vezes no outro dia eu vinha e já tinha dois [gatos presos], aí eu já tava com dez cruzeiro, era cinco [cruzeiros] cada um. Ai de repente eu fazia as contas e pensava: para eu fazer cinco, dez [cruzeiros] cortando seringa levava dias. E no gato não, era de repente. Ai no gato não tinha o negócio de patrão, tinha patrão que queria comprar, o gato vende para quem chegar na hora, aí passava o regatão, vendia, aí comprava um troco de mercadoria, botava em casa e já ia pro mato de novo (SILVA, S.R., 2012).

Cabe ressaltar que, embora elementos estruturantes do sistema de aviamento houvessem se enfraquecido pelo intenso comércio de peles, pela atuação dos regatões e pelo arrefecimento da economia da borracha, houve resistência em se superar esse modelo secular de produção por parte de antigos patrões. Há relatos de seringalistas que tentaram readequar a lógica do aviamento aos gateiros como foi o caso de Gecy Alves Né, filho de seringalista que montou um grupo de caçadores de peles que inicialmente trabalhavam para ele sob o sistema de aviamento:

Foi em 1967 que eu comecei. Formei uma equipe de homens com muito sacrifício, dai parti para cima, fui trabalhar, não ganhei dinheiro, mas fui segurando, segurando, dai consegui comprar uma casa lá em Altamira... (...) Em dois, três anos coloquei uma capinha nas costas. Dinheiro não ganhei, mas independência eu arrumei. Eu falei, “pai, não adianta mais trabalhar com borracha, porque surgiu esse serviço de couro de gato e o pessoal tá todo mundo largando e trabalhando no couro de gato, ninguém quer mais cortar borracha e o senhor vai fazer o que?”. Porque o governo, o Banco da Amazônia, ele fazia o seguinte, ele fazia uma estimativa, “você vai produzir quantos mil quilos de borracha esse ano?”, “Eu vou produzir trinta toneladas”, então ele dava o dinheiro, nas contas dele, mas tu tinhas que produzir trinta toneladas, porque o banco não queria saber da mercadoria que tu comprou, não quer saber se o pai do cara morreu, se ele adoeceu, se ele teve qualquer problema, não quer saber, ele quer trinta toneladas. Isso é o que o banco fazia com os otários e o sujeito se deixava levar aquilo a vida inteira, achava que se saísse de trabalhar na borracha ia morrer de fome. Mas, não, a gente tem que buscar alternativas. Então quando eu vi aquilo, eu não vou mais. (...) se tivesse ficado com ele tinha morrido tudo na miséria... (NÉ, 2013).

Esses gateiros, em parte ex-seringueiros, a princípio exigiam do “patrão de gato” a sazonalidade de trabalho que eles tinham nos seringais, onde não se trabalhava no inverno devido a água da chuva coalhar o leite que escorre das seringas. A presença de gatos e onças nas matas não era regida por essa sazonalidade, mas a permanência dos gateiros nas matas durante a época das chuvas num primeiro momento foi dispensada, até se perceber que desta forma os lucros não compensariam os investimentos feitos no aviamento dos trabalhadores:

A gente trabalhava mais no gato no verão. Dai no inverno, o que acontecia, o pessoal dizia que não dava para caçar gato, que chovia demais. Dai tudo o que eu tinha ganho, eu tinha que bancar o pessoal, remédio, café, roupa... Eu tinha que

começar a bancar em dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, só ia começar de novo a trabalhar em maio. Esse tempo todinho sem produção nenhuma eu tinha que aguentar. Dai eu vi que ia quebrar de novo, então eu digo “não”, (...) nós vamos ter que colocar os cabras para trabalhar no inverno também. Dai pronto, a produção do inverno era quase igual a do verão. Na castanha e gato. Na castanha depois larguei, porque ninguém ia perder tempo na castanha, que não dava dinheiro, dava muito era trabalho, porque você pega uma caixa da castanha que você vende, molhada, quando ela não pesa nada, pesa trinta quilos. Tem homens que carregavam cinco caixas de castanha, tem homem daquele que era pior que um animal porque não é todo cavalo que carrega (NÉ, 2013).

Neste modelo de aviamento de gateiros, a principal diferença para aquele praticado nos seringais foi a maior facilidade com que os gateiros obtinham saldo em suas contas, quando comparado aos seringueiros. Os produtos aviados e os preços praticados eram os mesmos dos barracões, mas o valor da pele era maior do que aquele obtido na troca pela borracha. De modo geral, além de pagar as contas, os gateiros ainda conseguiam sacar o saldo em moeda corrente, o que não era tão comum na época em que estavam sujeitos apenas ao aviamento nos seringais. Os trabalhadores, embora continuassem alijados de seus direitos trabalhistas, possuíam uma maior autonomia e maior possibilidade de acúmulo de capital.

Hoje é proibido, mas nesse tempo... “chegou o gateiro!”. Ave Maria, tomavam muita cachaça, gateiro com um monte de couro, dai vendia aqueles couro, dai nego tomava cachaça demais...vendia em Altamira, quando não o patrão ia pegar na Ilha da Fazenda, vinha numa rabeta no tempo do motor 10-12, vinha buscar. Os patrão de gato era o Zé Moreno, era o Gecy Né, eram os patrão forte. Lá na rua já tinha outros que eles vendiam, vendiam para o Sebastiao Milico, aquele povo, era assim... Podia vender para qualquer patrão se não tivesse devendo, agora, se tivesse devendo tinha que vender pro patrão que tava devendo, se não, Ave Maria, dava confusão. Tinha o negocio do aviamento, era a farinha que eles aviavam, aviavam o cara para ir pro mato, era a farinha, era a pilha, era o fumo, era o cartucho, era as coisas, compravam para levar. E para dentro de casa também, ele deixava tudo, deixava em casa e os patrão toda semana quando faltava um açúcar ele ia comprar o que faltasse, não passava necessidade não, era muito bom no tempo do gato... Era bom demais. Só pagava a conta quando ele chegava com o couro de gato, recebia o saldo, dai o que sobrava era o dinheiro para ele colocar no bolso pra tomar cachaça. No tempo mesmo em que eu me casei, o meu marido saldou seiscentos e

poucos contos, naquele tempo que era conto, né, era muito dinheiro (VIEIRA, 2013).

Com exceção da arma, da munição, de um facão e da faca utilizada para a retirada da pele, todos os demais objetos necessários no processo de trabalho para a captura do gato maracajá eram retirados das matas, utilizando os recursos naturais disponíveis para a confecção do alçapão e dos materiais para a confecção da cuíca e da “esturradeira”:

A caça do gato era o seguinte, a gente pegava esse açai aí, esse açai é que a gente pegava para fazer armação para pegar ele, a gente fazia arapuca, tirava a madeira do açai, fazia a arapuca e colocava a isca dentro da arapuca. (...) A gente assoalha a arapuca todinha com outras madeiras, porque o gato rói tudinho, se não colocar ele rói, faz buraco e foge, tem que colocar uma madeira forte, esse açai é uma madeira forte, que ele não pode comer, porque é duro. [Colocava como isca] macaco, era piranha, peixe e carne, qualquer carne e qualquer peixe ele vinha. Colocava num espeto com uma linha, na hora em que ele puxava o espeto a linha soltava e a arapuca descia. Ele ficava ali dentro. (...) [Para caçar macaco] a gente saía assoalhando, ele respondia e a gente saía no rumo de lá [onde estava o macaco]. Era no tiro. (...) [Com o gato preso na arapuca] a gente usava o revólver. A gente chegava lá e atirava na cabeça dele. Tinha as brechinhas em riba do assoalho. A gente olhava assim, via como ele estava lá e atirava na cabeça dele. [Depois tirava o gato de dentro da arapuca] e tirava o couro. Tirava o couro, pegava umas varas e espichava ele. Quando espichava colocava no sol, depois tirava as varas e tava pronto. Seco. O esqueleto jogava fora. Jogava tudo fora e só ficava com o couro. (...) Rapaz, [o couro do gato] chegou a cem contos nesse tempo. Um couro. E a onça era seiscentos contos. Cacei onça demais, matei muita onça. A onça [se caça] no esturro. A gente fazia uma cuíca, dai entrava dentro do mato assim, procurava aquelas [onças] que estavam andando, dai de noite a gente chamava na cuíca e de lá ela respondia. Ela só vem de noite, de dia ela tá entocada. De noite é que ela sai. A gente chamava e ela respondia. A gente ficava chamando ela e ela vinha, vinha até perto da gente. Tinha cuíca, a gente fazia de tabocão, fazia um buraco e esturrava na boca. Eu só chamava ela assim, na boca, mas muita gente usava a cuíca. A cuíca você pega um pau assim untado, colocava um couro na boca, colocava um pau amarrado no couro, dai tinha uma vara aqui dentro, dai puxava assim de dentro. Dai ela vinha. Agora eu não sabia trabalhar na cuíca. Era só esturrando na boca. Dai quando ela chegava pertinho, a gente rosnava. Dai ela vinha, vinha, vinha e vinha morrer bem debaixo da gente, porque a gente tava

trepado [numa árvore]. Dai batia a lanterna e atirava bem na nuca. Matava. Tratava o couro do mesmo jeito do gato. Dava seiscentos contos. Mas não é todo mundo que tinha coragem não (SILVA, D.C., 2012).

Há relatos que demonstram que o trabalho de gateiro não era exclusivamente masculino, tendo algumas mulheres participado tanto da caça quanto da preparação das peles:

Eu me casei com quinze anos e seis meses. Morei trinta e três anos com meu marido, dai ele faleceu. Meu marido caçava gato. Depois fomos mexer com roça, trabalhava em roça. [Para] caçar gato o cabra ia pro mato, lá ele fazia o alçapão, botava a isca, o gato vinha comer e já caía ali dentro. No outro dia já ia tirar o couro dele, secava e já era o dinheiro, era fácil. Se voltasse o caçar gato, ainda hoje eu ia caçar gato. Eu cacei, ele ia na frente e eu ia atrás, ele levava a espingarda e eu só levava o facão e ia pro mato, nos ia fazer alçapão todo dia. Acho que ele [o gato] vinha de noite comer e caía [na armadilha], porque de manha a gente ia e [o gato] já tava lá dentro [do alçapão]. Matava, atirava nele, matava, tirava o couro, espichava ele, secava. Se atirasse em qualquer lugar dava [pele de] segunda [qualidade]. Tinha segunda [qualidade], tinha terceira [qualidade]... Só atirava na cabeça, que era para dar de primeira, não podia ter nem um buraquinho no couro não. Tinha que ter muito cuidado (VIEIRA, 2013).

Apesar da habilidade dos caçadores, muitos sofreram ataques dos animais, especialmente das onças, felino de maior porte e mais perigoso do que o gato maracajá, já que as onças são animais que pesam, em média, entre 50 a 100 kg, podendo chegar a até dois metros de comprimento. Outro perigo encontrado no interior das matas pelos gateiros eram os encontros com indígenas. Além dos prejuízos à fauna local, a atividade dos gateiros foi acusada de dificultar a ação de sertanistas da FUNAI que tentavam a “pacificação” de índios ao longo do trajeto da construção da rodovia Transamazônica. Houve casos de ataque de índios para a tomada do armamento e demais objetos carregados pelos gateiros. Em outros casos, alguns índios se irritavam com a intensa circulação de gateiros em seus territórios tradicionais fazendo concorrência pelas caças. Isto porque, segundo relatos jornalísticos da época (Jornal “O Globo”, RJ, 18/5/1971, p.3), os caçadores, ao matarem antas, macacos, capivaras e veados deixavam a carne apodrecer para atrair onças e gatos. Ao se depararem com a carniça de animais dos quais se alimentavam, os índios ficavam irritados e partiam em perseguição aos gateiros com a intenção de mata-los:

Foi nos anos 60 para 70, eu era bem jovem, tinha os meus dezoito, dezenove anos, eu fui caçar gato aqui para cima onde os índios deram um combate, os índios do Pitchacha, acima do Baú, deram um combate num pessoal do Zé Maranhense, esse Zé Maranhense era patrão de gateiro. Eu subia [o rio], até com o Zé Maranhense, quando chegou num certo momento (...), nós chegamos numa ilha e ele disse “olha, Tião, é o seguinte, você é o único que veio sem colega de trabalho pra ir pra mata e eu preciso voltar para ir pra cidade. Nós vamos ficar aqui nessa ilha, você fica com a mercadoria, eu vou despachar o pessoal que tem, a mercadoria que sobrar vai ficar aqui na ilha com você e eu vou voltar para buscar mais mercadoria na cidade. Você fica aqui olhando que de lá [da cidade] eu trago um companheiro pra ir junto com você”, porque ele destacava [grupos de caça] de dois em dois [caçadores]. Dai ele soltou o pessoal tudo pra subir na altura do gato. Era liberado caçar gato, caçar onça, qualquer tipo de caça era liberado naquela época. Dai ele veio pra cá [para a cidade de Altamira], quando ele chegou ele tinha o tempo certo que eles iam organizar e entregar aquelas peles de gato que eles tinham, tudo seca, tudo organizado. Dai daquilo dali ele já ia entregar para outro patrão na cidade, então tinha aquele movimento. E ele me deixou lá [na ilha] olhando a mercadoria. (...). Nós estava ali despachando outros homens, eu já ia entrar pro mato, quando chegou a notícia, que os índios tinham atacado. (...) Chegaram a matar acho que foi umas sete pessoas. (...) Entre as vítimas tinha até uma mulher, que tava junto com o Chico da Isabelona, que era um grande comandante de barco, mas tava nesse lugar nessa época. Ai foi aquele alvoroço. Destacaram os homens lá para ir ver o que tinha acontecido. Dai eles subiram tudo e eu fiquei aqui olhando a mercadoria. Dai eles chegaram lá nesse local. Dai tava os cadáveres, tiveram que juntar tudinho aquilo ali e enterraram. Dai naquela época foi aquela revolução... (SOARES, S. de S., 2013)

A Lei Nº 5.197, de 03 de Janeiro de 1967 estabeleceu a proibição da utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha de animais de quaisquer espécies da fauna silvestre brasileira, em qualquer fase do seu desenvolvimento vivendo naturalmente fora do cativeiro. A proibição, no entanto, não surtiu efeito nas regiões do interior da Amazônia e até o início da década de 1970 não havia, em Altamira, nenhum posto ou atividade de fiscalização, continuando tanto a caça predatória quanto o comércio de pele feito livremente em lojas no centro da cidade, acelerando o processo de extinção de diversos animais. Mesmo após a proibição oficial da caça no país, lojas como a “Grande Feira da Transamazônica”, no centro de Altamira, propagandeavam o comércio de pele sem restrições.

Apenas a partir de 1971, quando os olhares do Brasil se voltaram para a cidade, que passou a ser considerada a capital da Transamazônica, o contrabando de peles passou a ser feito às escondidas. Comerciantes locais transportavam as peles em pequenos aviões até fazendas no Maranhão, de onde eram levadas principalmente para Fortaleza, no Ceará, e de lá eram revendidas para o exterior (Jornal “O Globo”, RJ, 18/5/1971, p.3).

Além da fiscalização, até então inexistente, a Transamazônica e os investimentos de grandes projetos do governo federal no baixo Xingu impactaram uma grande quantidade de terras onde havia caçava, exploração da seringa e coletava de castanha. Essas terras passaram a ser loteadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para o estabelecimento de colonos, num novo episódio de incremento populacional na região, acelerando o processo de desmatamento e o desenvolvimento de atividades pecuárias.

Com o fim da caça, alguns gateiros retornaram ao trabalho nos seringais e às demais atividades extrativistas. Outros requereram lotes para si e tentaram a vida como agricultores. Os garimpos da região também absorveram parte da mão-de-obra liberada pelo fim do ciclo do gato:

Depois o governo deu um ponto final [na caça aos gatos], tinha que proibir. Ai nós achemos ruim de mais, Ave Maria. Foi muito ruim, dava para ganhar dinheiro [na caça], era bom demais, a gente gostava demais. Depois do gato, nós fomos para seringa de novo (SILVA, L. O., 2013).

Quando acabou o gato foi os tempos e que um fazendeiro comprou as terras onde eu morava. Dai eu fui trabalhar com ele lá. Eu já tinha quase quarenta anos. Nesse tempo os seringalistas tinha o arrendamento de terra, né? Esse Raimundo de Oliveira pegou e vendeu esse arrendamento para o Júlio Vitor, um fazendeiro de lá do Rio de Janeiro. Dai ele tomou conta das terras. (...) Todo mundo que fazia seringa [os seringueiros] ficou com aquele direito de morar onde ele cortava seringa, aquele lotezinho dele lá. Ele [o fazendeiro Júlio Vitor] derrubou a mata tudo para fazer pastagem, criava gado, muito gado. Ele derribou lá três mil alqueires. Esse fazendeiro. Eu fiquei num pedacinho e trabalhava com ele (SILVA, D.C., 2012).

Dai acabou esse negócio de gato e todo mundo foi colonizar, viver de outra maneira. [Antes não dava para colonizar], porque [a agricultura] não tinha valor.

(...) [A gente] chegava aqui [em Altamira] e ninguém comprava nada do que você tinha [produzido]. Não adiantava ter tanto produto, tanta coisa boa, não vendia. Quem que ia comprar? Não dava não... Você trazia saco de feijão aqui e não vendia não. Farinha todo mundo tinha à vontade, demais, dava, jogava no mato. A gente plantava porque tinha que comer, mas não vendia (MOREIRA, M., 2013).

A reorganização social que se deu ao longo da década de 1970 novamente exigiu das populações locais um processo já bastante conhecido: o de criar estratégias para sobreviver aos desafios de seu tempo, agora carregando na memória as lembranças de uma época onde a libertação do sistema de aviamento, a popularização do uso de moeda corrente em relações comerciais e a conquista de uma sensação de maior autonomia econômica e social foram aspirações que vieram estampadas em “peles de fantasia”.

Referências Bibliográficas

ARAMBURU, Mikel. “Aviamento, modernidade e pós-modernidade no interior Amazônico”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ano 9, n.25, 1994.

BARRADAS, M. *Manoel Barradas (Barradinha): depoimento*. [05. Fevereiro 2011]. Entrevistador: Thiago Peixoto. Senador José Porfírio: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 45 min.

DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1984.

FELIPE, Manoel. *Manoel Felipe: depoimento*. [29. Janeiro 2011]. Entrevistador: Paulo Serpa. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 90 min.

ITABORAHY, Wilde. *Terras, florestas, barcos e barracões: “patrões” e “fregueses” no Médio Juruá*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Rio de Janeiro: UFRRJ, 2009.

McGRATH, David. “Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional”. In: *Novos Cadernos NAEA*. Vol.2, nº2, dezembro de 1999.

MOREIRA, M; MOREIRA, T. de S. & SALES, A; P. *Manoel Moreira, Teodora de Souza Moreira e Aldo Pereira Sales: depoimento*. [02. dezembro 2013]. Entrevistador: Thiago Peixoto, Rúbia de Almeida. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 75 min.

NÉ, G. A. *Gecy Alves Né: depoimento*. [26 Janeiro 2013]. Entrevistador: Carlos

Caldarelli, Elisângela Bastos Cordovil. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 89 min.

OLIVEIRA, I. D. *Inocêncio Dias de Oliveira*: depoimento. [01. Outubro 2012]. Entrevistador: Carlos Eduardo Caldarelli. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 104 min.

PENTEADO, Antônio da Rocha. “O homem e o equilíbrio ecológico regional na Amazônia Brasileira”. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Ano V, nº17, julho/setembro, 1973. p.97-114.

PEREIRA, Marcelo Souza. “Servidão humana na selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia”. In: *Revista Somanlu*. Revista de estudos Amazônicos. Ano 12, nº1, jan./jun. 2012.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1820-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p.156.

SILVA, D. C. da. *Domingos Correia da Silva*: depoimento. [30. Junho 2012]. Entrevistador: Carlos Eduardo Caldarelli. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 62 min.

SILVA, L. de O. da. *Leodegário Oliveira da Silva (Bago)*: depoimento. [25. Março 2013]. Entrevistador: Carlos Eduardo Caldarelli. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 65 min.

SILVA, S.R. *Sebastião Rodrigues da Silva*: depoimento. [03 Dezembro 2012]. Entrevistador: Carlos Gimenes. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 69 min.

SOARES, S. de S & SOARES, M. N. da S. *Sebastião de Souza Soares e Maria Natalina da Silva Soares*: depoimento. [10. Fevereiro 2012]. Entrevistador: Paulo Serpa. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 63 min.

SOBRINHO, M. F. *Iris Célia Brandão Araújo*: depoimento. [06. Fevereiro 2012]. Entrevistador: Carlos Caldarelli. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 36 min.

SOUZA, César Martins de & CARDOZO, Alírio. *Histórias do Xingu: fronteiras, espaços e Territorialidades (Séc. XVII-XXI)*. Belém: EDUFPA, 2008.

UMBUZEIRO, Antônio Ubirajara Boguea & UMBUZEIRO, Ubirajra Marques. *Altamira*



e sua história. 4ª ed. Belém: Ponto Press, 2012.

VIEIRA, I. A. *Iva Almeida Vieira*: depoimento. [04. Abril 2013]. Entrevistador: Carlos Caldarelli, Carlos Gimenes. Altamira: Scientia Consultoria Científica. Entrevista concedida ao Programa de Estudo, Preservação, Revitalização e Valorização do Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural – UHE Belo Monte. 25 min.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993.